

Maria de Fátima Matos da Silva
Carlos Alberto Machado Gouveia da Silva

O Povoado Fortificado de Cossourado

Retratos de um habitat da Idade do Ferro

Paredes de Coura
1998

FICHA TÉCNICA

Título

O POVOADO FORTIFICADO DE COSSOURADO
Retratos de um habitat da Idade do Ferro

Texto

Maria de Fátima Matos da Silva
Carlos Alberto Machado Gouveia da Silva


Ilustrações e Design

Leonor Soares
António Carvalhal

Fotografias

Augusto Lemos
Fátima Matos Silva
Carlos Gouveia da Silva

Edição

Câmara Municipal de Paredes de Coura - Gabinete de Arqueologia e Património 
Co-financiado pelo FEDER no âmbito do Sub-Programa C do PRONORTE

Impressão: HUMBERTIPO - Porto

Tiragem: 1000 exemplares

PAREDES DE COURA - 1998

ISBN: 972 - 95153 - 5 - 2

Depósito Legal:

Gabinete de Arqueologia e Património

Câmara Municipal de Paredes de Coura

Largo Visconde de Moselos

4940 PAREDES DE COURA

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer forma ou meios, sem permissão, por escrito, dos autores.

Sumário

Prefácio	5
1. Localização e acessibilidades	6
2. Apontamentos bibliográficos	8
3. As campanhas de escavação arqueológica	10
4. O povoado	12
• Construções habitacionais e de serviços	13
• Sistema defensivo	16
5. Espólio arqueológico e actividades económicas	17
• Instrumentos de pedra	17
• Instrumentos de metal	20
• Cerâmica	22
• Outro espólio	23
6. Enquadramento paisagístico e exploração dos recursos naturais	24
7. Interpretação funcional e cronologia	27
8. Musealização do povoado	29
Algumas referências bibliográficas	32
Resumo	33

PREFÁCIO

A musealização do povoado fortificado de Cossourado é o aspecto mais visível e palpável, para a generalidade das pessoas, de um longo esforço municipal para pesquisar as nossas longínquas raízes documentadas, aprofundar e sistematizar os conhecimentos que acerca delas existem ou se vão revelando e completando.

Há quase uma década, o município celebrou um protocolo de colaboração com a Universidade Portucalense Infante D. Henrique. Foi no âmbito desse instrumento de colaboração mútua que investigadores dessa instituição de ensino superior, nomeadamente a Dra. Fátima Silva, nos prestaram apoio para pesquisar e valorizar sítios arqueológicos do concelho, criar o GAP - Gabinete de Arqueologia e Património, editar os *Cadernos de Arqueologia e Património*, elaborar a *Carta Arqueológica e Patrimonial da Bacia Superior do Rio Coura*. Entretanto, a distinta investigadora produziu a obra científica e académica de muita valia *O Povoamento Proto-Histórico e Romano da Bacia Superior do rio Coura: estudo, restauro e divulgação*.

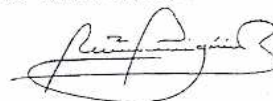
Surgiu o momento de tornar visível uma parte significativa desse trabalho de investigação. Os achados do povoado fortificado de Cossourado já justificavam uma reconstituição e musealização que desse aos não especialistas uma perspectiva da sua importância nos recuados tempos da Idade do Ferro.

Elaborou-se uma candidatura para financiamento no âmbito do PRONORTE - C, que foi aprovada.

Executados os trabalhos, ei-los à disposição, para fruição dos interessados.

Vale a pena visitar o povoado fortificado de Cossourado que, deste modo, se constitui como mais uma das fortes razões para visitar e conhecer as Terras de Coura.

Presidente da Câmara Municipal de Paredes de Coura



António Pereira Júnior

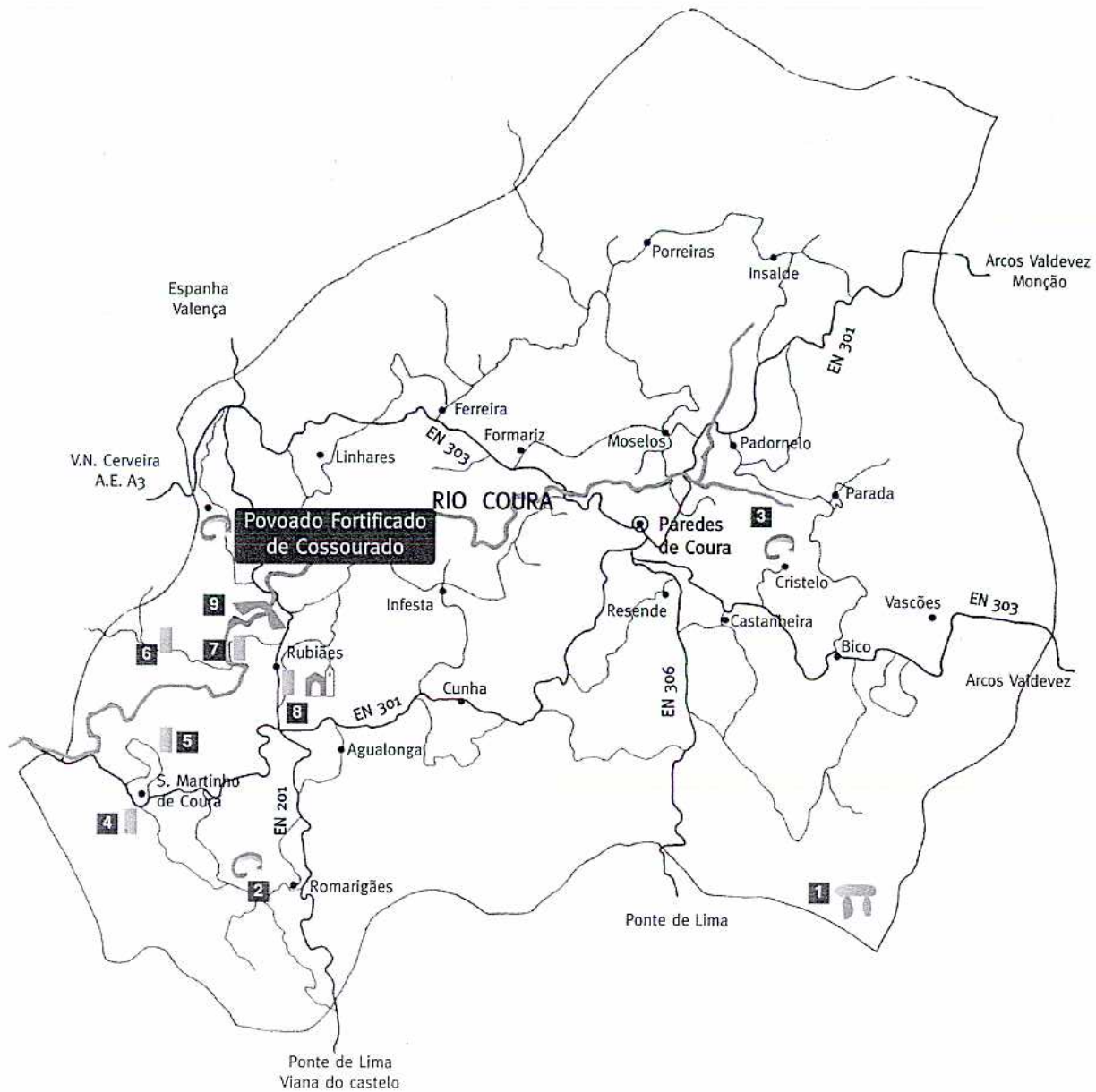
1. Localização e acessibilidades

O povoado fortificado de Cossourado – vulgarmente conhecido por Cidade ou Castro e, cartograficamente, por Forte da Cidade – situa-se na freguesia de Cossourado, no extremo oeste do concelho de Paredes de Coura.

Dista 10 quilómetros da sede do concelho, 52 da capital do distrito, Viana do Castelo, 57 de Braga e 16 da fronteira internacional de Valença.

Apesar de o povoado estar implantado no topo de um monte, o acesso não oferece dificuldade. A ligação automóvel pode ser feita pela auto-estrada A3, com saída para Paredes de Coura devidamente sinalizada, e/ou pela estrada nacional 303, virando-se, ao quilómetro seis, em direcção à igreja paroquial de Cossourado. Daqui sobe-se por estradão empedrado até meio do monte e, a partir deste ponto, por caminho de terra batida.





**Implantação do povoado fortificado de Cossourado
e dos principais sítios arqueológicos visitáveis**

1. Antela da Cruz Vermelha
2. Cidade de Romarigães
3. Castro de Cristelo
4. Miliário de Barreiros
5. Miliário de Fonte de Olho
6. Miliários de Antas
7. Miliários da Quinta do Crasto
8. Miliário e Igreja Românica de Rubiães
9. Ponte Romano-Medieval de Rubiães

2. Apontamentos bibliográficos

Não obstante nunca ter sido objecto de estudos aprofundados até 1993, o povoado fortificado de Cossourado mereceu, ao longo dos anos, a atenção de diversos autores e curiosos que lhe dedicaram alguns, ainda que breves, apontamentos. Eivados, em grande parte dos casos, de contornos lendários, alguns dos quais hoje em dia apenas enquadráveis no domínio da tradição, comprovam, no entanto, a noção que as populações tinham da existência, naquele monte, de algo bastante antigo e, por isso mesmo, de considerável valor patrimonial. No século passado, essa consciência era já uma realidade.

José Avelino de Almeida, no seu “Diccionario Abreviado de Chorographia, Topographia e Archeologia”, de 1866, a propósito do povoado referia: “Acima da igreja está um monte e nelle vestígios de castello e de grande fortificação, a que chamão cidade”. Mais à frente acrescentava: “Conhece-se ainda hoje que teve fossos e trincheiras com estradas cobertas, que servião aos Romanos de proteger as marchas dos comboios para os exércitos que vierão conquistar Braga” (ALMEIDA 1866, 335).

Vinte anos mais tarde, José Augusto Vieira escrevia, no “Minho Pittoresco”, que “a configuração do terreno (...), faz pensar nos *Castros* dos romanos, e recorda involuntariamente a história antiga destes logares” (VIEIRA 1886, 121).

Sem se deter em considerações alongadas, nos inícios deste século Narcizo Alves da Cunha, autor da monografia “No Alto-Minho — Paredes de Coura”, afirmava que próximo da igreja paroquial “está o monte da Cividade, onde se encon-

tram importantes restos de fortificação antiga” (CUNHA [1909] 1979, 398). E Félix Alves Pereira concretizava, mais pormenorizada-mente: “para poente, vêem-se duas ordens de muralhas der-ruídas mas do lado da suposta acrópole têm alguma elevação; ao centro há um grande morro. A estrada romana passava na proximidade, de nascente a poente” (PEREIRA 1924, 251).

Quatro décadas antes, Pinho Leal, ao referir-se ao povoa-do, mais não fazia que transcrever as palavras de Avelino de Almeida. Porém, acrescentava: “É tradição que esta cidade foi destruída pelos árabes, em 717” (LEAL 1874, 410).

Nos “Commentários a Dexter”, de 382, Francisco de Vivar defendia ser a cidade de *Cauca* a pátria do imperador romano Teodósio Magno e apontava a sua localização para a região situada entre Braga e Valença. Idácio, por seu lado, partilhava da mesma opinião (CUNHA [1909] 1979).

Perante estes dados, José A. Vieira, a exemplo do que já haviam feito José A. Almeida e outros autores, interrogava: “Seria aqui a antiga cidade *Arnoia*? Seria a *Cauca* romana, dando por corrupção do termo a palavra actual de Coura?” (VIEIRA 1886, 121).

O tempo e os homens não conseguiram, até aos dias de hoje, responder a estas questões. Provavelmente nunca chegarão a fazê-lo e as dúvidas continuarão a persistir, até porque a presença romana no povoado, tão referida por todos os autores, não está de forma alguma documentada.

De um dado, no entanto, nunca se poderá duvidar: da imponência da estação. De tal forma era evidente, que José A. Almeida salientou: “Este forte está em tão alta posição que se não pode fazer idea da sua grandeza sem que se veja de perto” (ALMEIDA 1866, 335).

E ainda hoje, com efeito, a sua grandiosidade é um facto.



3. As campanhas de escavação arqueológica

O estudo científico da estação teve início em 1993. Nesse ano, na continuidade de um conjunto de iniciativas de índole arqueológica e patrimonial levadas a efeito ao abrigo de um protocolo de cooperação estabelecido entre a Câmara Municipal de Paredes de Coura e a Universidade Portucalense Infante D. Henrique, realizou-se a primeira campanha de escavação arqueológica, no âmbito do projecto de investigação “Estudo, musealização e divulgação do povoamento proto-histórico e romanização da bacia superior do rio Coura”. Os trabalhos, efectuados sob a forma de uma escavação em área, incidiram na plataforma superior e revelaram a existência de construções características da Idade do Ferro, às quais surgiu associado espólio arqueológico diversificado. Confirmadas as previsões iniciais, as investigações continuaram nos anos seguintes, tendo-se escavado, progressivamente, diversos sectores em pontos distintos do povoado.

Os resultados obtidos têm fornecido, por um lado, elementos científicos significativos para o conhecimento da ocupação do povoado durante a Idade do Ferro. Por outro, sob o ponto de vista patrimonial, têm revelado construções habitacionais perfeitamente invulgares, no contexto da *Cultura Castreja*, a par de estruturas defensivas de grandes dimensões.



Início das escavações arqueológicas, 1993



Campanha de escavações arqueológicas, 1997



4. O Povoado

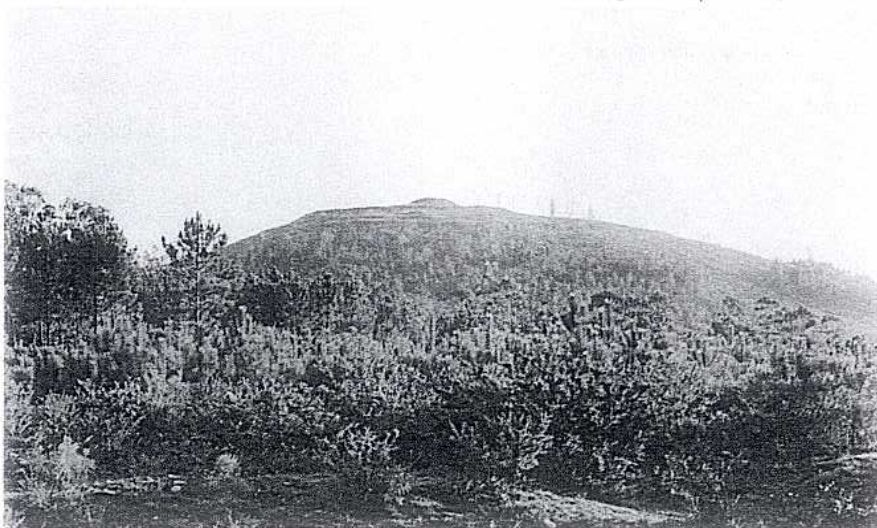
O povoado, propriamente dito, ocupa o topo e as vertentes de uma grande elevação, arredondada e de configuração cônica, que se distingue com facilidade em relação à paisagem circundante.

Situado entre as cotas 325 e 375, possui cerca de quatrocentos metros de comprimento por duzentos e cinquenta de largura, apresentando-se, pois, como um povoado de dimensões consideráveis – 10 hectares de área, aproximadamente.

Com encostas relativamente abruptas, principalmente a este, a servirem, já de si, como precioso auxiliar na defesa da comunidade, o povoado assenta a sua área habitacional por excelência no topo do monte, onde uma extensa chã, aplanada de forma intencional, oferece as condições ideais para a construção das habitações e estruturas auxiliares.

Ao centro, um torreão construído com terra e pedra, também ele de formato cônico, eleva-se como notável posto de vigia, de onde se domina, visualmente, parte das bacias hidrográficas dos rios Coura, a este e sul, e Minho, a norte e oeste.

Panorâmica geral do povoado, lado norte



Construções habitacionais e de serviços

Os trabalhos desenvolvidos na estação arqueológica têm vindo a revelar a existência de um vasto núcleo habitacional constituído por diversas construções. Circulares, umas, alongadas, outras, apresentam como característica dominante dimensões bastante elevadas, pouco enquadráveis no modelo construtivo dito castrejo.

A distribuição das edificações em torno do torreão central não obedeceu, como alguns séculos mais tarde sucederia noutros povoados, a qualquer plano urbanístico definido — o chamado proto-urbanismo. A proximidade que se verifica entre algumas delas deixa entender, pelo contrário, a preocupação de construir em função do espaço disponível, aproveitando-o o máximo possível.

Tecnicamente, o processo construtivo utilizado é bastante rudimentar. As paredes são compostas por pedra granítica disposta de forma irregular, raramente aparelhada e sem qualquer tipo de argamassa a consolidar — são construções em pedra seca ou vã. Uma análise mais atenta permite verificar, no entanto, a existência, neste aspecto particular, de diferenças entre as diversas construções. Enquanto as cabanas circulares apresentam um tipo de construção mais cuidado, com paramento interno e externo, as alongadas, de dimensões consideravelmente elevadas (em alguns casos atingem catorze

Estruturas habitacionais e de serviços, 1996



metros de comprimento), denotam uma elaboração mais arcaica, mais tosca, sem grandes preocupações estéticas.

Esta diferenciação técnica, associada a uma interpretação do espólio arqueológico encontrado, permite estabelecer, embora no plano teórico, uma diferenciação funcional entre as várias construções. As circulares terão servido, assim, como locais de habitação (dormida, refeições, lazer), ao passo que as restantes terão sido utilizadas para a prática de actividades artesanais (olaria, fição, tecelagem, moagem, entre outras), para a guarda de instrumentos de trabalho, bens de consumo e/ou de animais.

Junto ao torreão, a sudoeste, uma estrutura de planta ovalizada terá desempenhado uma função distinta das demais: local de reunião e/ou de encontro comunitário. A existência de um banco de pedra ao longo da face interna da parede pelo menos a essa suposição conduz.

O sistema de cobertura seria, por sua vez, bastante simples e o seu formato variava consoante a configuração das cabanas. As de planta circular teriam uma estrutura cónica e as alongadas uma cobertura de duas águas, arredondada nas paredes de topo, ou apenas de uma água, inclinada. Os materiais mais aplicados seriam os troncos de madeira, como estrutura de suporte, e a giesta, como revestimento exterior, tal como apontaram as análises efectuadas.

No geral, as paredes das cabanas não seriam muito altas,



uma vez que a cobertura, principalmente nas construções de planta circular, proporcionaria o prolongamento do espaço para além dos seus limites superiores.

Cena doméstica no interior de uma cabana



Cena possível de convívio comunitário



• Sistema defensivo

A exemplo de grande parte dos povoados pertencentes a este período cronológico-cultural, o povoado fortificado de Cossourado possui um forte sistema defensivo que circunda e protege o seu habitat.

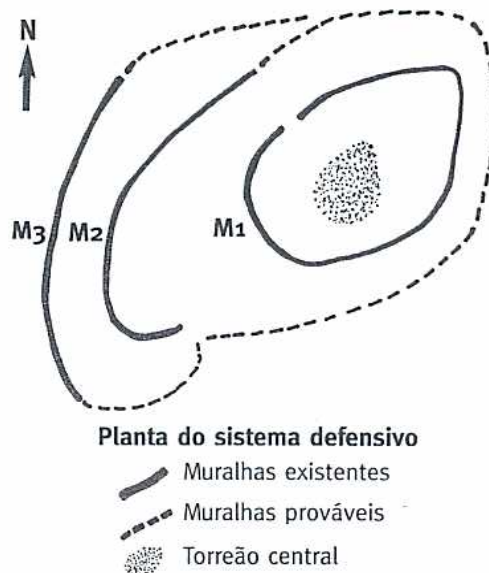
Compõem-no, na prática, três linhas de muralha. A primeira, interior, delimita a plataforma superior na sua totalidade. Algumas dezenas de metros mais abaixo, a segunda percorre, igualmente, toda a encosta do monte, circundando-o. A terceira, implantada já a uma distância considerável em relação ao ponto central do povoado, ergue-se apenas na vertente oeste, aproximando-se da segunda numa das extremidades.

Identificáveis, em parte, na topografia do monte, as diversas muralhas acompanham a inclinação natural do relevo, deixando transparecer o cuidadoso estudo efectuado previamente à sua construção. Com efeito, na vertente este, mais abrupta e com condições naturais de defesa proporcionadas por algumas escarpas rochosas, as cinturas defensivas apresentam-se menos pronunciadas, porque menos necessárias.

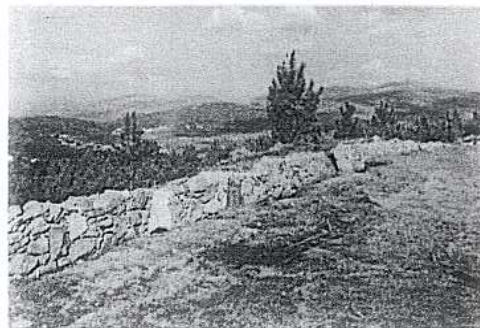
Do lado oposto, pelo contrário, a existência de extensas plataformas favoráveis ao alargamento do espaço habitacional e, conseqüentemente, a menor inclinação do relevo implicaram o reforço das linhas defensivas, traduzido na edificação de, somente nesta área, mais uma muralha.

Estruturalmente, as muralhas apresentam um processo construtivo composto por grandes blocos de pedra toscamente aparelhados, nas faces interna e externa, e somente por terra, na parte intermédia, tal como revelaram os trabalhos de escavação efectuados na muralha interior. Com pequenas rampas e contrafortes – alguns dos quais com degraus – a servirem de acesso interno, possuem, no geral, uma largura aproximada de quatro metros.

A entrada para o habitat – única confirmada mediante escavação – situa-se a noroeste e coincide com o caminho actualmente utilizado para o acesso ao topo do povoado.



Paramento interno da muralha



5. Espólio arqueológico e actividades económicas

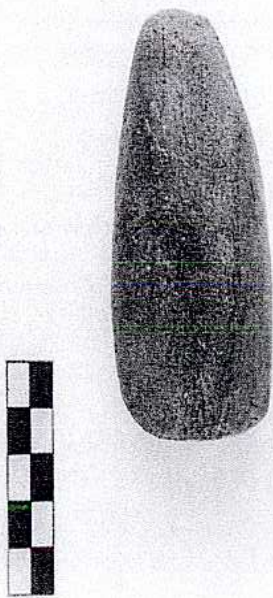
O povoado fortificado de Cossourado forneceu, ao longo dos anos, bastante espólio arqueológico. Constituído por diferentes materiais (pedra, metal, barro, restos vegetais, entre outros), por vezes bastante fragmentados, permite apontar, com alguma certeza, a prática de diversas actividades, nomeadamente as relacionadas com a construção e manutenção do povoado e do sistema defensivo, com a exploração dos recursos naturais (recolocção, caça, pesca, desflorestação, mineração...) e com o fabrico de vários utensílios.

• Instrumentos de pedra

Os instrumentos de pedra desempenharam, desde as origens, um papel extremamente importante na vida do homem. A própria evolução da espécie humana nesses tempos distantes é ainda hoje caracterizada em função da forma, mais ou menos elaborada, como esses instrumentos eram trabalhados. Não obstante outros materiais terem surgido, a pedra — material abundante e de fácil acesso — não perdeu a sua utilidade e continuou a ser usada para os mais diversos fins. Em Cossourado também assim sucedeu.

De entre os instrumentos mais documentados no povoado salientam-se os seixos de quartzito talhados, os machados de pedra polida, as enxós, os percutores e cinzéis, e os polidores que, embora de tradição antiga, continuavam a ter um papel fundamental no exercício de actividade artesanais como a extracção de pedra, o abate de árvores e o tratamento de peles. Igualmente de pedra eram os pesos de rede, as mós de vaivém (com respectivos rebolos) e os cossoiros de fuso, utilizados na pesca, na moagem de bolotas e cereais e na fiação de tecidos grosseiros, respectivamente.

Enxó





Machado de pedra polida



Fiação com fuso



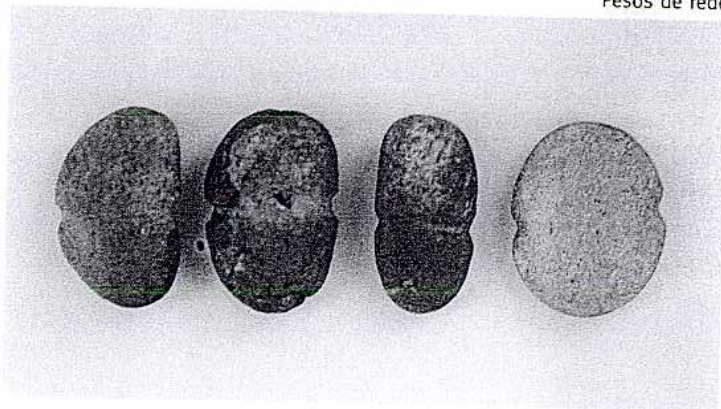
Cossoiro de fuso





Preparação de rede de pesca com respectivos pesos

Pesos de rede



• Instrumentos de metal

Com o crescente aperfeiçoamento do trabalho do metal – primeiro o cobre, depois o bronze e, neste período, o ferro –, são também em grande número os utensílios deste género encontrados, principalmente os realizados em bronze.

São de referir, de entre os mais significativos, um punhal e a lâmina de um outro, fragmentos de machados de talão (que, no entender de alguns investigadores, terão sido utilizados como instrumentos de troca e não de trabalho), uma agulha (para confecção de vestuário) e diversos objectos de adorno, como uma bracelete e alguns pendentos.

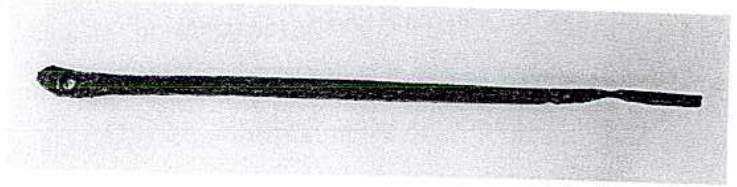
Pela relativa abundância com que têm surgido, poder-se-á supor que os objectos de adorno, para além do natural efeito estético que proporcionavam, se revestiam de um carácter simbólico, relacionado com a prática de actividades religiosas. Eram, por outro lado, como em todos os tempos, um meio de valorização social.

Reconstituição provável do fabrico de objectos metálicos





Confecção de peças de vestuário

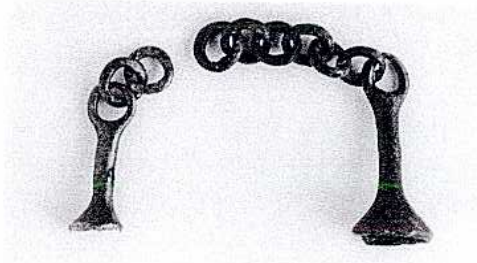


Agulha em bronze

Castreja com colar de pendentos reconstituído e bracelete



Pendentos de bronze



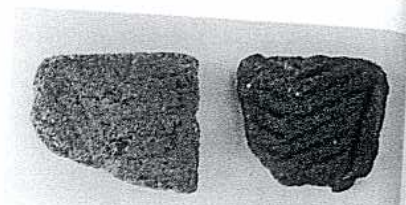
• Cerâmica

A olaria seria, por sua vez, uma das actividades mais praticadas no povoado. A testemunhá-lo estão os milhares de fragmentos de cerâmica que, como normalmente sucede, são o elemento arqueológico mais abundante de entre todos os encontrados no habitat.

Surge normalmente bastante fragmentada e nunca sob a forma de peças completas. No entanto, um estudo pormenorizado permite descobrir algumas das formas mais comuns: panelas (algumas das quais com orifícios ou asas interiores, a fim de serem penduradas sobre as lareiras), potes (para armazenamento de alimentos e líquidos) e púcaros.

Trata-se de uma cerâmica de fabrico manual, produzida com barro extraído na região e cronologicamente atribuível aos inícios da Idade do Ferro. Em termos de tratamento das superfícies externas é, na maior parte dos casos, lisa e raramente surgem fragmentos decorados.

Elaboração de objectos cerâmicos



Fragmentos de cerâmica decorada



Panela com asas de suspensão



Lareira com panela com asas de suspensão

• Outro espólio

Para além do espólio enumerado, há ainda a registar o aparecimento de contas de colar em pasta vítrea (que documentam os contactos comerciais estabelecidos com povos de outras regiões); centenas de restos de madeira carbonizada, provenientes, em grande parte, dos troncos utilizados no sistema de cobertura; e inúmeras bolotas e sementes que, obtidas através da recolocção e da prática da agricultura, se destinavam à alimentação humana.

Embora não documentadas directamente, actividades como a agricultura, a caça, a pastorícia e a tecelagem teriam, de igual forma, um papel de relevo na vida do povoado, constituindo um complemento importante para a satisfação das necessidades básicas da comunidade.

Castreja ornada com colar e bracelete



Conta de colar oculada



6. Enquadramento paisagístico e exploração dos recursos naturais

A vida quotidiana dos habitantes do povoado caracterizava-se por uma exploração intensa do meio ambiente natural. As necessidades de lenha, materiais de construção e produtos de consumo alimentar – para referir apenas os mais significativos – levavam o homem a estabelecer uma relação de grande intimidade com a natureza, procurando, numa busca permanente, recolher a maior variedade possível de recursos.

Estudos carpológicos e antracológicos (FIGUEIRAL 1998), efectuados em restos lenhosos carbonizados encontrados no interior e exterior das cabanas e recolhidos pelos habitantes ao longo dos tempos, ajudam a compreender melhor esta realidade e permitem reconstituir, com grande aproximação, o meio paleo-ambiental.

No que respeita às diferentes espécies, dois elementos vegetais surgem, então, com maior frequência: o carvalho – sobrevivente da floresta que, em tempos recuados, cobrira a região – e as leguminosas, concretamente a giesta e o tojo. Elemento paisagístico dominante, o carvalho surgia, por vezes, associado ao sobreiro e ao azevinho, e era utilizado, acima de tudo, como material de construção. As leguminosas, por seu lado, encontradas sobretudo no interior das construções, teriam sido usadas como lenha, estrume, forragem e como material de revestimento do sistema de cobertura das habitações.

Em zonas mais húmidas, provavelmente junto dos cursos de água ainda hoje existentes nas imediações do monte, cresceriam outras espécies como o amieiro, o vidoeiro, o freixo, o salgueiro, a aveleira, o sabugueiro e o fetó.

As utilizações destas espécies seriam variadas. Para além





E dloração de recursos florestais

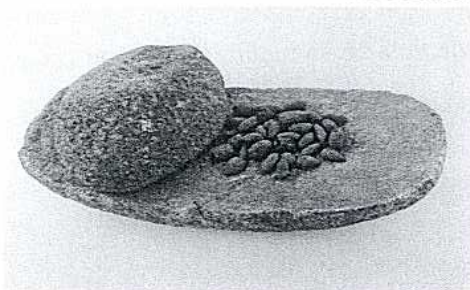
das referidas, é de crer que, de entre os diversos elementos vegetais, alguns (como o azevinho) fossem usados para fins medicinais, sendo as suas virtudes já então conhecidas pela população.

Ao contrário do que normalmente se verifica em povoados deste período cronológico-cultural, os cereais não teriam um papel muito significativo na alimentação da comunidade. Embora se registe a ocorrência de trigo e, por isso, a prática da agricultura fosse uma realidade, a recollecção seria ainda uma actividade preponderante na constituição da dieta

alimentar. A comprová-lo está o elevado número de bolotas encontradas que, na sua maior parte, seriam consumidas sob a forma de pão, alimento saboroso e nutritivo, como referiam alguns autores clássicos.

A exploração dos recursos naturais incluía ainda a caça, a extracção de pedra (essencialmente granito) para diversos fins — extracção essa documentada no interior do próprio povoado, através da presença de vestígios de guilhos em alguns afloramentos rochosos — e o aproveitamento dos recursos hídricos que, como já mencionado, abundavam nas proximidades.

Mó de vaivém



Moagem de bolotas com mó de vaivém



7. Interpretação funcional e cronologia

O povoado fortificado de Cossourado está inserido na designada *Cultura Castreja* do Noroeste Peninsular, isto é, no período cronológico-cultural *grosso-modo* correspondente ao Bronze Final, à Idade do Ferro e aos inícios da Romanização (século IX a.C. ao século I d.C.), que se caracterizou pela proliferação, nesta região peninsular, dos povoados fortificados, vulgarmente conhecidos por castros, citânias ou cidades.

Trata-se de um povoado com funções de habitação permanente, cujo modo de vida se enquadra no modelo caracterizador de uma sociedade agro-pastoril.

Reconstituição provável do habitat



A construção do povoado neste local obedeceu, com toda a certeza, a uma escolha criteriosa. Para além de implantado numa área que possibilitava a obtenção de uma vasta gama de recursos naturais (alimentares, lenhosos, hídricos, rochosos, solos para a agricultura e pastos, entre outros), o habitat dispunha de uma excelente posição geográfica. Situado no topo de uma elevação, numa área de transição entre a bacia superior do rio Coura e parte da bacia do rio Minho, o povoado disfrutava de um invejável controlo visual de todo o espaço circundante: do cimo do seu torreão avistava-se, por um lado, uma série de habitats do mesmo período cronológico, embora de menor envergadura, e por outro, a norte, uma extensão do rio Minho, do qual dista, em linha recta, menos de 8 quilómetros.

A proximidade deste importante curso de água, navegável de há longa data, num ponto não muito afastado da foz e, por isso, do Atlântico, e a obtenção de objectos de importação através das escavações arqueológicas – concretamente uma conta de colar em pasta vítrea e alguns fragmentos de cerâmica – apontam para a provável inclusão do povoado na rota de trocas comerciais efectuadas com povos de outras paragens, sobretudo da região do Mediterrâneo, que à península afluíam em busca de metais.

Cossourado figuraria como o típico “lugar central”, do qual estariam dependentes a vários níveis de influência, as comunidades situadas na região envolvente.

Construído, muito provavelmente, na passagem da primeira para a segunda metade do I milénio a. C., e apesar da monumentalidade que alcançou e da influência que exerceu, o povoado não teve uma vida muito longa. Pelo contrário: as análises e estudos realizados até ao presente apontam para a

Rio Coura





existência de um período contínuo e relativamente curto de ocupação.

Na base do monte, a este, haveria de passar mais tarde a IV Via Militar Romana, ou 19ª do Itinerário Antonino, que ligava as cidades de *Bracara Augusta* (Braga) e *Asturica Augusta* (Astorga). Nessa altura, porém, já o povoado havia sido intencionalmente abandonado, ou porque as tropas romanas, incumbidas de conquistar o território, se aproximavam a passos largos ou por qualquer outro motivo que ainda hoje se desconhece. O certo é que, do abandono da comunidade castreja em diante, nunca mais povo algum decidiu reocupar em permanência o topo do monte.

Descansou, a partir daí, o povoado, para, quantas vezes contra a voragem do tempo e dos homens, atravessar mais de dois mil anos de silêncio, guardando no seu interior muitos dos vestígios e memórias daqueles que, ao longo de alguns séculos, lhe deram vida. Até aos dias de hoje...

8. Musealização do povoado

Após a realização das primeiras campanhas de escavação arqueológica, rapidamente se tornou evidente a necessidade de se proceder à musealização do povoado, isto é, à execução de um projecto integrado que, através de acções diversas, possibilitasse a salvaguarda de toda a área escavada e a necessária transmissão, ao público em geral, dos conhecimentos científicos obtidos.

Nesse sentido, foi elaborado um projecto de musealização e divulgação que, depois de submetido a concurso, foi posto em prática durante os anos de 1997 e 1998. Financiado pelo

FEDER, no âmbito do Sub-Programa C do PRONORTE, e pela Câmara Municipal de Paredes de Coura, o projecto incidiu em três pontos fundamentais: conservação/restauro/reconstituição, sinalização/informação e divulgação do povoado.

No que ao primeiro ponto diz respeito, para além de outras iniciativas efectuou-se a conservação, o restauro e a reconstituição parcial de todas as construções escavadas e a reconstituição integral, e o mais aproximada possível, com utilização de pedra de origem e aplicação de sistemas construtivos idênticos, de duas cabanas caracterizadoras do habitat: uma circular, de habitação, e uma outra alongada, de serviços.

No domínio da sinalização foram colocadas, nas imediações da estação arqueológica, diversas placas que, desde as principais vias rodoviárias até ao topo do monte, assinalam o povoado. Neste a informação é fornecida ao visitante através de diversas placas com funções distintas: apresentação do monumento e respectivo período cronológico, explicitação do sistema defensivo e explicitação do núcleo reconstituído.

A divulgação da estação arqueológica tem vindo a acompanhar, sob diversas formas, todos os trabalhos de investigação desde 1993. No entanto, porque se entende ser uma vertente fundamental em todo o processo e de primordial importância no domínio da formação da comunidade em geral e, por consequência, da preservação do património, foi substancialmente reforçada com a realização deste projecto. Elaborou-se, nesse sentido, diverso material de divulgação, com características marcadamente pedagógicas: dois desdobráveis (um para o público juvenil e outro para o público adulto), um jogo didáctico (*puzzle*), uma colecção de postais, diapositivos e este pequeno livro, que pretende sintetizar, de forma acessível, os conhecimentos obtidos até ao presente.



Cabanas reconstituídas



Paralelamente, procedeu-se à beneficiação, alargamento e pavimentação do caminho de acesso ao povoado.

Conclui-se, com este Projecto de Musealização e Divulgação, uma etapa mais de um processo que se deseja longo e se espera venha a possibilitar um conhecimento fundamentado e abrangente da ocupação humana da região durante a Idade do Ferro.



Algumas referências bibliográficas

- .ALMEIDA, José A. (1866). *Diccionario Abreviado de Chorographia*. III, Valença.
- .CUNHA, Narcizo A. (1979). *No Alto Minho. Paredes de Coura*. 2ª Ed. Paredes de Coura, (1ª Ed., Braga, 1909).
- .LEAL, P. (1874). *Portugal Antigo e Moderno*. II, Lisboa.
- .FIGUEIRAL, Isabel (1998). *O Povoado fortificado de Cossourado: paleoambiente e paleoeconomia. Os macrorestos vegetais carbonizados*. Relatório de análises.
- .PEREIRA, Félix A. (1924). Rascunho de Velharias de Entre Lima e Minho. *O Arqueólogo Português*, 26, Lisboa.
- .SILVA, M. Fátima Matos. (1991). Considerações sobre a Consolidação e Restauro do Espaço Castrejo. *Revista de Ciências Históricas*, 6, Porto, 55-68.
- 1994. *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia Superior do Rio Coura: estudo, restauro e divulgação*. Cadernos de Arqueologia e Património – Monografias, 2, Paredes de Coura.
 - 1994a. Estudo, Conservação, Restauro, Dinamização e Divulgação do Povoamento Castrejo da bacia superior do rio Coura: primeiros resultados. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 34 (1-2), 281-302.
 - 1994b. Carta Arqueológica do concelho de Paredes de Coura – uma perspectiva de arqueologia espacial. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 34 (1-2), 477-499.
 - 1995-97. O Povoado Fortificado de Cossourado – Relatório da primeira campanha de escavações (1993). *Cadernos de Arqueologia e Património*, 4/6, Paredes de Coura, 39-57.
- .VIEIRA, J. A. (1987). *O Minho Pitoresco*. Valença, reedição.

Abstract

Strategically established between the basin of the river Coura at East and South, and the basin of the river Minho at North and West, the Hill fort of Cossourado integrates the so designated castrensian culture, typical in the Northwest of the Iberian Peninsula.

The archaeological works that have been systematically carried out since 1993 in the upper platform and contiguous areas have revealed the existence of a major center of occupation, constituted of several and functionally diverse buildings. Some were residence areas while others used as workshop, storehouses or stables. They all have considerable dimensions and a rather rough construction, which indicates its antiquity.

Built during the Iron Age, the hill fort is structurally dominated by its strong defensive system which encloses and protects the habitational areas.

This defensive system consists of two hills that completely enclose the upper platform, and a third only at West, where the slope is less pronounced.

The digged out sectors are made of rough cut stone on both external and internal faces, and earth in its interior.

The community was a class society, economically based on recollection, agriculture and pasture, including in its daily routine other productive activities, such as spinning, weaving, pottery, milling, fishing and metallurgy.

Although its evident magnificence, the fort was occupied for a continuous but relatively short period of time. Afterwards, but still previous to the Roman invasions, the fort was pacifically and intentionally abandoned.

The reconstructed center reproduces two typical buildings of the fort, based upon data obtained through the archaeological digging out works. A circular one, with its fireplace should have been used as residence; the second one, larger and elongated, should have been for handicraft, agricultural and pastoral activities.

For this reconstruction stem was chosen as roof covering for its durability, although wood waxen has been proved to be the primitive material.